

revista

Carla

ANO III - Nº 05 - 22 DE MAIO DE 2014 - EDIÇÃO ESPECIAL

ISSN 2238-1414

O ser poesia
Edição de aniversário



Editorial

A revista Barbante completou aniversário no dia 15 de março de 2014, dois anos de nascimento, dois anos encantando o público leitor com o cheiro da literatura dos nossos poetas, pesquisadores e escritores de todos os lugares do mundo, do Brasil e do estado do Rio Grande do Norte às nossas páginas. Cheiro de tapioca, chimarrão, maniçoba, vata-pá, feijoada e tantos outros.

Sempre digo que sozinhos, eu, Christina Ramalho e o conselho editorial não fazemos a Barbante, mas vocês que nos enviam carinhosamente trabalhos para serem publicados.

São dois anos de muita luta, dificuldades, obstáculos e força de vontade para continuar, porque nunca devemos esquecer dos nossos sonhos, afinal são eles que purificam o sangue de artistas desassossegados que corre em nossas veias.

Somente agora decidimos publicar a edição de aniversário da Barbante, mês de maio, dois meses depois da primeira edição quando descobrimos que era possível seguir em frente, que recebemos as amáveis respostas do nosso público leitor.

Nesta edição, homenageamos a poesia por constituir o ser da Barbante ao longo desses anos, transformando-se em totalidade, alteridade e exterioridade. Ser, colocar-se no lugar do outro, proximidade do outro, eis o que nos explica o filósofo Enrique Dussel, e assim luta a Barbante por um mundo mais humano e melhor.

Agradeço, emocionada, todo o carinho que a Barbante sempre recebeu do nosso público leitor, sendo acolhida e abraçada por todos com respeito e admiração.

Feliz aniversário para todos nos!

Boa leitura,

Rosângela Trajano

Editora.



Adonias Ivo de Sousa

Andréia Cristyane

Faces

E na despedida

Ela despiu-se

No ar

Palavras frias divagavam

Devagar ela saiu

E sumiu no fim do caminho

E surgiu uma nova face

A outra face

No mesmo caminho

Sem vestes santificadas

Ela cantou, cantou...

Não chores!

Sorriu com olhar sombrio

E abriu suas abas de serpente.

Adonias Ivo de Sousa

Mundo

Em você está meu mundo
Onde posso deleitar
Num ninho quente
De grades e correntes
Desejo que me aprisiona
E me confina
Num ninho ardente
De grades e correntes
Em você está meu mundo
Onde a liberdade
De minhas asas
Ruflam silenciosamente
Pouso em seus desejos
Viajo nas lembranças
E aconteço nos sonhos
Me faço e me desfaço
Na embriaguez do prazer
Que me toma
Em você está meu mundo
Onde o medo me expulsa
E o desejo me culpa
Eu me expulso do meu mundo
Não posso ficar
Nunca serei sua vida
E pra sempre serei
Sua saudade.

Adonias Ivo de Sousa

A cutia

Eu vi uma cutia
Na casa da vovó Maria

Não sei o que ela tinha
Mas quando ela via
Vovó Maria
Ela corria

Eu também corria
Mas já não via
Mais a cutia
Que logo que corria
Se escondia

Um dia descobri porque a cutia corria
Vovó Maria queria que ela fosse
o prato do dia

Coitada da cutia!

Andréia Cristyane

A minhoca Loloca

... procurando uma toca
uma oca
uma loca

Loloca não quer aparecer
Ela quer mesmo é se esconder,
se chamar, ela não vai responder...

Loloca sai bem de fininho
procurando um caminho.

Loloca é uma minhoquinha especial
Quer ser chamada pelo nome
para não ser confundida

E ai você vai ver
Ela logo aparecer

Uhhhhhh essa minhoca...
Digo LOLOCA!

Andréia Cristyane

Uhhh os passarinhos!

Logo ao amanhecer
Lá estão eles a cantarolar
São versos diferentes
Não posso identificar

Mas possuem uma sintonia
Com os de perto
Com os de longe
Pois posso escutar

São eles os passarinhos
Que estão a cantarolar
Sem preocupação ou estresse
Estão sempre a nos encantar

São eles tão pequeninos
São eles, os sabiás, que vivem a nos emocionar

Você já parou para contemplar?
Se sim, sabe do que estou a falar
Se não, procure escutar
Pois vale a pena ouvir
A canção do sabiá!

Andréia Cristyane



Carla Cabral

Leonardo Bezerra

Rosângela Trajano

Sem título

Minha salada
de palavras cruas
vocifera.
Uma alma nua
vem pedir um reflexo de si.
Tanto faz que não tenho a
minha parcela;
quero ver o que me supera.
São tantos transeuntes
empalidecidos por epitáfios
que rola a
multidão aqui.
Um mais um é nada.
E nada é mil.

Carla Cabral

Tela

Olhamos tanto pelas
falsas janelas do mundo
que não vemos o
homem que vive
morrendo de fome
Que nome
Qual praça
Sem teto
É voto certo!
É
Seu traje
É um traste
Qual parte
vou desobedecer?
Sem pança
balança
Nem lado
De cima
Embaixo
E se foi.
Num clic,
É um espaço,
Num Esc, fechou.

Carla Cabral

Fome

Ser seminu
suja com comida
as mãos na rua.
Ele não
me vê
Ele não se
quer
Ele não está lá
pra ninguém.

Carla Cabral

Carla Cabral é professora de Ciências, Tecnologia e Sociedade da
Escola de Ciências e Tecnologia da UFRN e poetisa.

I

O amor é um pouco de tudo
Tudo de bom
Bom em todas as brigas
Brigas terminadas em beijos
Beijos que significam, amor.

II

O amor, quando severo
É pobre
E quando pobre
É falso
E quando falso
não é amor.

III

O amor está
Nas rosas e nos beijos
Nas horas e nas auroras
Quando não encontrado
É por estar preso
E se não libertado
É por não ser o amor.

Leonardo Bezerra

Clementina

Não pensarei duas vezes
Nem esconderei minha paixão
Bem cedo
Prenderei teu sossego
Nas cordas do meu violão.

Leonardo Bezerra

Confusão

O que eu faço?
faço nada
ou
nada faço.

O que eu digo?
digo tudo
ou
tudo digo.

Penso que penso,
mas tenho certeza,
que não existo.

Leonardo Bezerra

UM EU DO DIA 14 DE JANEIRO

Sou lobo em frente a lebres.
Sou vício que maltrata,
Sou o viciado que cede.
Temo quem me teme
Gosto de quem fere.
Aprecio os que curam.
Amo os que bebem.
Admiro os que se privam,
Mas sou a favor que se rebelem.
Sou humano.
Sem vida.
E minha sina é neste barco
Só ter passagem de ida.

Leonardo Bezerra

Leonardo Bezerra é estudante do curso de Ciências e Tecnologia da UFRN,
poeta e escritor.

Cachorrinho

Quero um cachorrinho
Para com ele brincar
Ter uma companhia
Para no bosque passear.

Um cachorrinho belo
Que lata baixinho
Abane seu rabinho
E me faça carinho.

Se meu cachorrinho
Quiser muros pular
Rasgar da sala o sofá
Eu vou é bronca levar.

Rosângela Trajano

Dois meninos

Tem dois meninos
Andando sozinhos
Pelas ruas escuras
Sem casa e caminhos.

Os dois meninos
Olham para o céu
Fazem do entardecer
Um lindo chapéu.

São dois meninos
Que vivem contentes
Embaixo das nuvens
Com heróis nos dentes.

Rosângela Trajano

Menino em riso

Havia um menino em riso
De brincar de ser gato
Em sombra na parede
De repente, virar rato.

Havia um menino em riso
De querer ser amado
Pelas estrelas do céu
Dentro da lua guardado.

Havia um menino em riso
De correr todas as estradas
Em finais de alegria
Com ideias costuradas.

Rosângela Trajano

Rosângela Trajano é estudante do curso de Ciências e Tecnologia da UFRN,
poetisa e escritora.

PERIQUITO-REI - GABI PELOSI



Filipe Couto

Glenda Maier

Coisa amada – poema em três movimentos

1.

*Por mais que eu me passe a limpo
em poemas e sonhos,*

*não te encontro, minha Coisa Amada –
meu labirinto, meu trabalho de Sísifo.*

*Então, te invento,
te crio.*

2.

*Diga: como saber quem é você,
se eu sequer sei quem sou?*

*(O tempo que vivo hoje é igual
a outro que passou. Mas qual?)*

*Recolho pelo chão roupas e dores
que são minhas, e não reconheço.*

*Tateio um escuro
de mim, Coisa Amada,*

e tenho medo.

3.

*Somos dedos da mesma mão,
filhos do mesmo delírio.*

*Somos um com o outro, Coisa Amada,
Quixote e Sancho contra gigantes*

(e moinhos).

(por Filipe Couto)

Insônia

*Há no insone algo de semente,
um mistério encerrado em claustro
a se bater contra as paredes do sono,
em meio a tudo que dorme indiferente.*

*É dessa semente esquecida pelo tempo
(e também dele filha)
que o insone se alimenta: fruto que não existe,
sem valor para o corpo, sem gosto para alma ou língua.*

*E é dentro dessa substância
sem carne, pele, cor, sabor e vida
que já reside uma nova semente,
atenta para ser colhida;*

*semente fiel à sua natureza,
sempre acordada,
pronta para, das nossas entranhas,
ser explodida.*

(por Filipe Couto)

CORRESPONDÊNCIA GERAL

Glenda Maier

Atenta às mensagens recebidas da vida
nas entrelinhas encontro mistérios, segredos,
selados por anjos de um correio divino
envelopados em sonhos

Decodificando essas cartas revejo certezas
carimbadas em agências do chamado destino.
Algumas urgentes, sedex dos tempos
outras mais amenas, sociais, são encanto.

Responder essas cartas é dever nesta vida:
não deixar sem resposta as mensagens que vêm.
Um sorriso, uma lágrima, um trejeito, um engano
são respostas plausíveis

Os anjos carteiros,
exaustos, são tantas mensagens!
São eles os primeiros a fazer a exigência:

“Poeta-criança
Poeta-menina
A lágrima e o sorriso respondem as cartas,
Mas ficaremos carentes
Se você se esquecer
De nos responder
Na linguagem-poesia.”

Glenda Maier – carioca. Presidente da APPERJ – Associação Profissional de poetas no Estado do Rio de Janeiro por três gestões. Fundadora e diretora do DIJ – Departamento Infância Juvenil da Casa do Poeta do Rio de Janeiro. Autora de livros de poesia, crônicas, prosa poética e contos; professora particular de inglês e cronista do jornal Jacarepaguá em Destaque.



Francisco Martins

Jaciana Sousa

A cronologia da mulher

Aos 10 anos algumas ainda brincam. Há até aquelas que seguram bonecas.

Aos 15 anos, inegavelmente estão desabrochadas no jardim da vida. São flores femininas, mulheres em expansão.

Aos 20 anos, acham-se no direito de voar, corpo e mente há muito que já perderam a definição do que seja limite. Para elas há tão somente o céu e o horizonte, únicas verdades a conquistar.

Aos 30 anos, muitas delas já acalentam nos braços o fruto de um amor. Tem nos filhos a expressão máxima da sublime vocação da mulher.

Aos 40 anos, estão no topo. São lobas aguçadas, mulheres maduras, que preferem caçar a serem escolhidas.

Aos 50 anos, contemplam o lar (quando ainda existe), reúnem-se com amigos (as), buscam, algumas rejuvenescer o corpo.

Aos 60 anos, deleitam em celebrar as vitórias dos netos. Sonham em descansar. Alguns sustentam a família com o que recebem da aposentadoria

Aos 70 anos, mãos frágeis, pernas que se negam a manter a velocidade de alguns anos atrás, elas representam para nós nosso patrimônio maior.

Aos 80 anos, quando ainda as temos conosco. Somos ricos, pelas pessoas que são, experientes, vividas.

Aos 90 anos, ah! quem dera que em cada casa deste Brasil pudéssemos ter uma mulher anciã. Bem cuidada, alimentada, sadia, com cabelos brancos, olhos brilhantes e voz baixa a nos falar da beleza que é ser mulher.

Francisco Martins

A queda

Na infância dele

Caíram os primeiros fios de cabelos.

Caíram os dentes-de-leite.

Na adolescência

Caíram os muros,

Caiu o tabu.

Na fase adulta

Caiu o salário

Caiu a barriga

Caiu a ficha!

Na terceira idade

Caíram as pálpebras,

Caíram os peitos,

Cresceram as orelhas.

Caiu o pinto.

Por fim caiu o corpo.

E se ele, em toda a vida só cuidou do corpo,

Caiu no inferno!

Francisco Martins

SIMBIOSE (Tautograma)

Sinto seu sabor
saboreio sua seiva,
seu sêmen,
saliva, suor.

Seu sândalo sufoca,
seduz, seda.

Suborno, silenciosamente,
seu senso,
seu ser sensual,
soberano.

Sussurros soam
suaves, serenos.

Segredo seus sonhos
sádicos, sensatos,
sonoros,
secretos.

Sacio sua sede
selvagem, suprema.

Sexualmente
sou santo,
servo,
senhor.

Sequestro, sutilmente
seu sono.

Sou seu sangue,
sua sina,
sua síndrome
surreal.

Satisfaço seu sexo,
sobretudo, seu seio.

Sou seu sal,
seu sol,
sua saudade
simétrica, sincrônica.

Simultaneamente
sorrio, soluço.

Sou sua.
Senão, serei só,
solitária,
sempre!

Jaciana Sousa



Jorge Ventura

José de Castro

CRUEZA

sou língua de sal
não poupo palavras

em mim nenhum Deus

em mim só um homem
que peca e execra

e desfeito em dores
sobrevive a quedas
sem nenhum pudor

à sorte me atrevo
só creio em meus atos

vejo o que não devo:
o osso em vez da carne

Jorge Ventura

ORIGAMI

Quando a ideia me perturba,
entre o barulho e o silêncio,
tudo é um só contrassenso.
Que inocência ou culpa
virá em vão me julgar
neste papel tumular?
Reparto em dobras meus textos,
discursos e manuscritos
(de abismos e de delírios),
nas páginas, palimpsestos.

Reparto também a folha,
metade doutra metade,
do que é múltiplo e arte.
E antes que a ideia se recolha
e a angústia vire bolha
e o papel retorne seda,
nas dobraduras das letras,
o verso assim se desdobra.
Pois toda palavra é obra
pra muito além do poema.

Jorge Ventura

PONTO DE CRUZ

choro

a erosão

do tempo

traçado

em ravinas

sei do que é

deserto:

o caminho

do homem

a vida é trama

dedicada à seca

entrelaçam-se

desmandos

desenganos

desenredos

no horizonte

de esperas

o sertão bordado

de mandacarus

escrevo meu rumo

no ponto de cruz

Jorge Ventura

CULPA

Tecido raro,
última moda.

Corpo coberto
de pano e culpa.

Mentira e classe,
dono da rua.

De mais a roupa,
de menos o homem.

Jorge Ventura

Jorge Ventura é poeta, ator, escritor, jornalista e publicitário. Diretor de Comunicação Social da APPERJ e do SEERJ, Membro Efetivo da SBPA (Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas), da IWA (Associação Internacional de Escritores e Artistas) e Membro Correspondente da ALACIB (Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil). Autor de quatro livros: o mais recente, “Faca de Ponta, Fogo de Palha” (Oficina Editores/2012).

O POEMA

O poema
é essa matéria
intangível,
leve, etérea,
que não se toca
mas que se sente:
pele de seda,
lábios de veludo,
textura de luar,
voo de colibri,
pétala de saudade,
perfume de jasmim.

Poema é a luz do teu olhar
pousando em mim.

(José de Castro)

MILONGA

Sou pássaro
das noites vazias,
cheias de lua triste.
Meu canto é a voz do vento
soprando milongas
que se perdem no tempo.
Se me escutas na brisa,
sou perfume da madrugada lenta,
que se arrasta no pulsar
das horas mortas
feito canção distante.

Se não me ouves,
quem sabe me presentes?

Eco de saudade, talvez eu seja.
Ou apenas silêncio.

(José de Castro)

QUANDO AMANHECE O DIA

Quando amanhece o dia,
as lembranças coram ao sol.
Depois, voam intactas
na direção das estrelas.
As saudades
anoitecem comigo.

E amanhecem, a cada dia,
transformadas em poesia.

(José de Castro)



Luciana Almeida Santos

Márcio Lima

Infortúnio escorado numa vida
Oculto desejo de externar o sofrimento
Tua descendente descuidada
Realidade vazia, sinuosa
Que longa vida tornou-se breve
A juventude apagada.

Fantine...
Pobre alma desolada
Pesa-te a lei dos injustos
Corrói-te
Fúrias insensatas
Crescem, explodem

E alcançam teu corpo
É a rosa que está indo
Tão breve e taciturna.

Dor
Escorada na alma
Dor
Feito cicatriz
Pulveriza o ser mortal

Tua boca cansada se transforma no nada
Anelos perdidos
Alegria despedaçada
Tristeza consolada

É a despedida
As células desligam
Mistério, luz opaca¹.

¹ Poema inspirado no filme “Os miseráveis”, versão de 1998, baseado na obra de Victor Hugo.

Prelúdio a Valjean

Luciana Almeida Santos

O pão que apaziguou a fome
Que furtou a esperança
Que emanou das leis insanas
Fez Valjean cominado.

Sol ardente, mãos calejadas
Algemas habitam sua mente
Sua vida! A liberdade tarda.
Dezenove anos escorados na eternidade.

A tez lívida sempre a esperar
Entre o lânguido e o implacável oscila
Voltará a esperança e junto
A era da justiça.

E, enquanto não alcança a liberdade
Busca a vida arredia
Nas brisas incertas do tempo
Mergulhando.

Ter o vislumbre da luz
É digno de todo o ser
Que seja só nos sonhos
Onde podemos ser.

Assim viveu, assim fugiu
Cruzou a sangrenta guerra
Quantas vidas se foram.
Para ti, República, clamar.

A luz recobre o céu
Os pombos anunciam
É Ela! É ela...!
a liberdade infinda jamais vista.²

² Poema inspirado no filme “Os miseráveis”, versão de 1998, baseado na obra de Victor Hugo.

AS FLORES CHORAM

Algumas vezes fui flagrado olhando seu retrato
Em uma crise de silêncio desde nosso último encontro
Mas ainda estou sentindo
Sem transparecer nenhum remorso por está longe de você
Ainda sente o que eu sinto?

Nas últimas palavras naquele vagão
Choviam sem cessar, flores começavam a chorar
É como se eu não quisesse mais ouvir
Seus lábios temia sentir a dor
Ainda estou sentindo

Partida sem fim entre dois corações
Ainda lembro o nosso último momento juntos
A linha de chegada é sempre à frente
Porque eu ainda sinto
Seu retrato sempre está comigo
Mas ainda sente o que eu sinto?

O fim dessa tempestade ainda não terminou
Não se preocupe só estou olhando seu retrato
Lembranças de quando a chuva começou
Quando os raios não mais queriam parar
Mas ainda eu sinto
A chuva quer cessar, pois meu coração às vezes teima em parar
Você sente o que eu sinto?

Márcio Lima

O momento certo

Momentos inesperados virão,
Nessa vinda a água não combate o fogo,
A insanidade está por completar,
Somente uma nova semente vingará.
Vistes de longe o que mais nos retarda,
Não é apenas uma estrada.
E sim uma vida que não está valendo de nada.

Vindes de nossa terra?
Só sabemos que está aqui de novo.
Prepara ti povo, o dia vai chegar e será que vamos acertar.
Apenas um momento, decidirá um grande evento!

A inteligência vingará?
Sabemos que a vida é cheia de perguntas,
Só não aprendemos ainda procurar as respostas.
Procuro em ti o que não vejo em mim,
Mas vejo ti o que tem em mim!
A sociedade caminha lentamente pisando em espinhos,
Ela nos corrompe, nós a corrompemos.

Sofro de saber, que podemos perder!
A consciência que devemos ter,
Não é aquela em que podemos nos arrepender,
E sim aquela que podemos aprender.

Somos egoístas?

Não, até o ponto onde o nosso eu, brinca com o teu.

Vai chegar aquele momento em que você, eu e nós, todos de uma mesma família,

Estaremos convictos, que só terá um único objetivo, sobreviver!

Daí vai perceber quem encontrou as respostas.

Márcio Lima

Meu nome é Márcio Lima, tenho 23 anos, curso História na UFS, sigo a linha de pesquisa Filosofia da História e Modernidade, na qual faço a monografia e artigos científicos e posteriormente o mestrado. Tenho grande admiração pela poesia, cinema, teatro e músicas clássicas.



Dami

Rosa Régis

Ai que delícia!

DAMI

De manga,

De goiaba,

De cajá,

De abacaxi,

Uma delícia!

Grita o sorveteiro!

E o menino muito esperto

Com água na boca

Avisa ao sorveteiro:

_ Moço, eu quero um.

_ De que sabor, pergunta o sorveteiro?

_ De graça, responde o menino.

E o sorveteiro com jeito moleque fala:

_ Epa! Mas que sabor é esse?

E o menino gozado responde:

_ É aquele, aquele que não paga!

E o sorveteiro saindo de fininho avisa ao menino:

_ Fica para a próxima amigo!

PROCURA-SE

DAMI

PROCURA-SE

PELA ALEGRIA

PELO JEITO ENGRAÇADO

PELA ANIMAÇÃO DAS ROUPAS

PELO SORRISO NO ROSTO

PELA PRESENÇA DAQUELE

QUE POUCO EXISTE NOS

DIAS ATUAIS.

PROCURA-SE

POR TI

PA

LHA

ÇO

ARTISTA MARCANTE

NO MUNDO INFANTIL.

Respeito ao outro é essencial

O respeito é mesmo essencial!

Respeite sempre, sem olhar a quem,

Ao mais velho e mais novo, no geral!

Não falte com respeito a ninguém.

Respeite a vida, não fazendo mal

Mas, ao contrário, só fazendo o bem

Ao seu irmão, à planta, ao animal,

Ao poderoso como ao “João ninguém”.

Quando você respeita, é respeitado.

E se não for, vai ter sempre ao seu lado

Alguém disposto a lhe defender.

Trate bem seu colega, seu amigo,

E se tiver também ao inimigo.

Quem respeita dá prova de saber.

Rosa Regis

Consumismo x liberdade

Eu compro o que quiser com meu dinheiro!

Porém se compro sem necessidade

Poderei me meter num atoleiro

Ficando endividado na verdade.

Seja você servente ou engenheiro

Sendo atraído pela novidade,

Torna-se um consumista verdadeiro

Que compra, compra, sem finalidade.

A mídia, trabalhando o pensamento

Do consumista, traz um sentimento

Desejoso de comprar mais um produto.

O consumo faz dele um dependente,

A forma como gasta o faz carente,

Da mídia e do desejo ele é um fruto.

Rosa Regis



Márcio de Lima Dantas

Mozart Carvalho

PORTAIS

Também os mortos necessitam de portais, na entrada dos cemitérios. Última pompa que se reveste de uma separação entre dois mundos da mesma terra. Igual espaço plano, separado apenas por um muro caído.

Também os mortos necessitam, dos últimos ritos funerários, para que se plenifique a trajetória de uma existência. Mesmo honrarias simples atenuam consciências, face ao que, inconsciente, nominam “digno”.

Márcio de Lima Dantas

MIRA

Quando se atira,
parte do que vai
seguirá no olho,
com ódio brilhante.

Por isso, na mosca
se mira, agarrado
firme o ferro, mas
atinando o alvo.

Tino na certeza
que vai fincar;
chanta aprumada
a fúria na bala.

Nonada de fogo
de monturo, são
chamas de coivara:
alma em combustão.

Márcio de Lima Dantas

Anos de solidão

Noite.

Abro a porta.

A sala em silêncio.

as almofadas tonalizadas

descansam sobre o sofá.

O abajur faísca

o amarelado incandescente.

Minha vida em cômodo,

Trancas e aposento.

Caixa confortável

de um aluguel barato.

O teto despenca

sobre as sobrancelhas.

Cerram janelas.

Olhos fatigados miram

a garrafa cheia.

Vil líquido que pró-seca

os tragos ardentes.

Um tango na agulha

a espreitar sentimentos.

É ocaso dentro de mim.

Os carros correm.

Levam para lugares...
Pessoas fogem
E eu, não sei...
São pensamentos,
viagens na ponta da faca.
As paredes respiram brancas
lívidas e macias.
Um quadro isolado.
Meu cansaço. Desabafo.
Meu mal descalço
bailando nos braços
de uma brisa fria
que rompe em meu peito.
É interminável. É noite.
São anos de solidão.
E não adormeço.

Mozart Carvalho

Anjo

Somente em outros versos
Vivem as palavras de asas.
- Semente de outros verbos,
Olho da leveza,
Plena brandura de esperança
Eternamente renova-se.
O tempo se esvai,
Averso as linhas,
Pelo vazio indelével
Que preencho nesse papel.
Em meus poros e fendas,
Só e dentro de mim – escrevo.
Vou...
No comboio do acaso.
Rangendo os dentes,
Amargando a existência.
Em via, uma teia humilde
de arrogâncias e providências
Precipitam-me ao inferno.
Cova rasa dos sonhos,
Dos medos e desafetos
Minha miséria é
Arrebatamento e júbilo.
Simplesmente um anjo
de mãos atadas.

Mozart Carvalho



Samuel de Souza Matos

Sérgio Gerônimo

SAMUEL DE SOUZA MATOS

Graduando em Letras Português Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. José Aloísio de Campos. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos da Linguagem e Ensino, onde trabalha com noções de texto, referência, argumentação e intertextualidade, voltadas, mais especificamente, ao ensino da leitura e produção textual.

MACARÉU

Que direi agora, quando meus olhos pesam?

Não só os olhos, mas também o corpo,

Levando tudo o que a comida dos dias teceu,

O que sofreu de extremos cuidados vaidosos,

Chama que queimava, e ainda queima – de dor,

Aurora que agora é o crepúsculo que se deu

Por entre as divisões maléficas e benéficas,

Corrente orgânica dura e mole, de fios sedosos,

Vai para baixo ser comido pela antes-comida:

O peixe que era comido agora será o comedor

Para doravante não os outros esquecerem:

“O feitiço virou contra a feiticeira”;

Não há mais tempo para escrever,

Não há mais tempo para viver,

Não há m...

SAMUEL DE SOUZA MATOS

NO INÍCIO DO FIM

Efemeridade é a nossa sina.

Irreversível, talvez, é a fixação cognitiva.

Os anos já não são anos; são planos

Que só progridem para o tempo passar...

E estamos no início do fim.

Lenta e rapidamente passa o início

Para que em breve tenhamos o fim:

Fim do fim que já estremece às auroras

E muito mais quando o crepúsculo destrói os humanos músculos...

SAMUEL DE SOUZA MATOS

ENDECHA DE LÁGRIMAS

Olho para a imensidão do mar...

Natural o meu ser tem que viver

Só sou somente um mendigo

Chorando e enchendo o mar...

Sinto que as rosas guardadas

Dentro das minhas esperanças

São simplesmente águas passadas

Chorando e enchendo o mar...

Ouçõ cantos longes e pertos...

Eles tecem uma rede de solidão

Segregada, agora, em desertos

Que não choram nem enchem o mar...

Degusto os pingos pesados...

Aqueles que compõem a chuva;

Paro de repente os prantos remados,

Pois, chorando, já enchi o mar...

SAMUEL DE SOUZA MATOS

(IN) COERÊNCIAS

Caminham tantos sonhos, tantas ilusões...

Ouvem músicas ao som dos sonhos

Soam memórias do que querem ser...

Perdem-se em devaneios inexistentes

Excêntricos (des) mundos

Mundos inalcançáveis pela anti-lucidez...

Humanos que se adoram!

Na prova dos nove fora, sorriso corrobora!

Loucura de ser: piegas “verdadeiras”, anti-clichês!

Ah Emoção que inexistente!

As faturas no cartão não encontram troco...

Esvoaçam pelos pedaços de terra tuas “misérias”...

Sonhar é o suficiente? É a verdade, anti-futilidade deprimente?

Que triste, que pena...

Ao caminharem rumo à felicidade e à vida,

Descaminham, de tortura, a essência...

SAMUEL DE SOUZA MATOS

CARTAS EM CREPÚSCULO

Cartas sobre a mesa.

Faz tanto tempo!

Escrevi milhões

Mas coragem faltou.

Quem me dará forças para enviá-las?

Olho o distúrbio celeste

E recebo a resposta contida

Na longitude de nuvens:

Crepúsculo!

SAMUEL DE SOUZA MATOS

velando os instantes

a morte mora em mim
morro tantas vezes
que às vezes me perco da morada
lembro olhares
declaro desculpas
saboreio vozes mudas
mudo infâmias em hosanas
ideias supostas prendem o tempo
a pressa emperra meus passos
constato a inconstância do corpo
não amante da alma
não me compartilho
divido-me incontestemente
nem percebo que meu passado
o futuro o torna maior ainda
é melancolia sem piedade
se me tiram a vida
o que me importa?
ela é passado
passada à limpo
em cada ponteiro deste presente
aqui e além
não sei se indo ou estando
há tempos minhas lágrimas
véu velando os instantes
são de amanhã

da série: VIDA, inédita

enigma

um fiapo farpa ficando
por trás dos óculos uma centelha
mãos unidas em ritmo de prece
respirações indagativas pulsam
sobre os livros o conhecimento
às vezes seria mais prudente não abri-los
a escolha nunca é nossa
existe um predeterminismo assustador
mas, também, acolhedor
a razão perfila verdades
ilusões milenares
que preferimos não alterá-las
pois força de tempo e espaço não temos
somos temporais finitos
faíscas semirretas de curvas infinitas
raios sem tangentes
discursos enigmáticos
penso que é hora
porém qual?
um fiapo do labirinto
sinto uma farpa no abismo
na garganta absinto
bebo livros
que ainda não escrevi

da série: AINDA, inédita

SÉRGIO GERÔNIMO Alves Delgado – Psicólogo, pós-graduado em Psicossomática

Contemporânea, foi professor de Língua Inglesa no Colégio Militar do Rio de Janeiro, poeta carioca, cronista e ensaísta. Editor-chefe da OFICINA Editores. Publicou 10 livros de poesia; no prelo: *“Mary Columbus”*. Fundador da APPERJ – Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro, atual Presidente e Presidente de Honra, membro do PEN Clube do Brasil, da União Brasileira de Escritores / RJ, da Academia Brasileira de Poesia, do Sindicato dos Escritores /RJ, da Academia de Letras e Artes Lusófona/Portugal. Em 2011, a convite da New York State University, proferiu palestra sobre “Construction, Work and Poetry” & “APPERJ in the Modern Literary Process”, e, também, a convite, apresentou a performance de poesia interativa UrbanosEmCausa, no Brazilian Endowment for the Arts, New York/USA. Em 2012, a convite do PEN Club da Áustria, lança o livro URBANOSEMCAUSA (coautoria de Mozart Carvalho), em Viena. Tem poemas publicados e vertidos em inglês, espanhol, francês, italiano, russo. Coordena os eventos poéticos no Rio de Janeiro: “Te Encontro na APPERJ”, “Saraupoesia, li na livraria” e o “Festival de Poesia Falada do Rio de Janeiro”. Participante ativo do circuito de poesia contemporânea.

CORUJA-BURAQUEIRA - GABI PELOSI



Expediente

Expediente

Revista Barbante

Ano III - Nº 05 - Edição especial de aniversário
22 de maio de 2014

ISSN 2238-1414

Editores

Rosângela Trajano
Christina Ramalho

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Filipe Couto
Márcio de Lima Dantas
Rosa Regis
Sylvia Cyntrão
Leonardo Bezerra

Capa e Ilustrações

Gabi Pelosi

Imagem da capa título: Caturrita – Gabi Pelosi

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

O ser poesia sou eu, você,
o outro, nós...

